

MULHERES NEGRAS EM AÇÃO: ASSOCIAÇÃO MULHERES NEGRAS
ANTONIETA DE BARROS, FLORIANÓPOLIS-SC (1985-2015)

Carol Lima de Carvalho ¹

Resumo: Durante o século XX muitas formas de mobilização social em defesa de direitos se configuraram, destacamos neste trabalho a Associação de Mulheres Negras Antonieta de Barros (AMAB), fundada em oito de março de 2001 atua na área educacional propondo estratégias e ações voltadas para a garantia de acesso e permanência de crianças, jovens e adultos (para todos/as) na educação básica e no ensino superior e, na implementação da Lei Federal 10.639/03, tem como finalidade a organização e realização de ações voltadas para a promoção da igualdade e a valorização da população negra. A AMAB tem como principal figura a Professora e Deputada Antonieta de Barros, foi a primeira mulher deputada do estado de Santa Catarina, e a primeira deputada estadual negra do Brasil. O presente trabalho busca apreender aspectos da trajetória da Associação respaldada em um diálogo em torno das memórias de mulheres negras da atualidade, fortalecidas por mulheres que lutaram por direitos, cidadania, educação e melhores condições de vida em décadas ou mesmo séculos anteriores. Por meio de documentos cedidos pelas integrantes, e as entrevistas realizadas com as mesmas, a intenção é destacar os contextos culturais em que elas estão inseridas, além de apresentar como essas mulheres construíram epistemologias para a sua vivência, experiências comunitárias, e o reconhecimento da memória, nesse processo de empoderamento.

Palavras Chave: AMAB. Mulheres negras. Florianópolis-SC. Memória. Antonieta de Barros.

INTRODUÇÃO

“Então ela foi uma revolucionária, teve fibra, teve força para fazer tudo aquilo que ela fez. Por isso chegou a ser deputada, era referencia, estudava, fez ações importantes, com pessoas importantes, mulheres naquela época respeitavam, porque ela tinha valor.” (RIBEIRO, Neli Góes, 2016)

Antonieta de Barros, mulher, negra, Professora, Deputada e cronista, nasceu no ano de 1901 na cidade de Florianópolis- SC, alfabetizou-se com cinco anos e na medida que foi crescendo tinha o sonho de ser professora. Em 1912 com ajuda de familiares e amigos conseguiu realizar tal sonho, além de tornar-se professora, foi jornalista, escritora, oradora e

¹ Mestranda em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC/SP, bolsista integral da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. carolima18@gmail.com.

política (sendo a primeira deputada negra de Santa Catarina e primeira estadual do Brasil), dedicou-se educação, sua vida foi, e ainda é marcada na cidade de Florianópolis, resultando em homenagens como: nome de ruas, escolas, túnel, programas políticos, universitários e prêmios. Antonieta de Barros fez sua passagem em 1952.

Figura 1- Antonieta de Barros



Fonte: Site Afreaka (2016)

A citação acima diz respeito a fala de Professora Neli Góes que assim como Professoras Valdeonira, Altair Lucio e Maria de Lurdes (D. Uda) compõem a Associação de Mulheres Negras Antonieta de Barros - AMAB e buscam através de ações na cidade de Florianópolis dar visibilidade a história e memória de Antonieta de Barros, pois para elas, Antonieta de Barros é exemplo de força para continuar a luta pelos direitos da população negra em Santa Catarina.

Dessa maneira, estas mulheres nos possibilitam afirmar que as lutas antirracistas no Brasil não são recentes, mais precisamente no século XX, mobilizações sociais foram protagonizadas por negros e negras contra o racismo e as discriminações raciais e de gênero no país. Na medida em que as articulações iniciaram em todo Brasil, mulheres negras passaram a se configurar enquanto movimento, pensando em suas particularidades, e assim emergindo em âmbito nacional, como por exemplo, Aqualtune (RJ), Luiza Mahin (RJ), Coletivo de Mulheres Negras da Baixada Santista (SP), Grupo de Mulheres Negras mãe Andreza (Maranhão) e Grupo de Mulheres Negras do Calabar (Bahia).

Em 1985 as protagonistas e fundadoras da AMAB iniciaram suas articulações na cidade, dando visibilidade a mulher negra em debates na saúde, educação e esporte. Neste

viés, a filósofa e ativista negra Sueli Carneiro (2013) nos possibilita compreender a necessidade do trabalho da AMAB, pois ao trazer reflexões sobre o reconhecimento das especificidades de opressões sofridas pelas mulheres negras propõe um debate a respeito do ‘enegrecer’ as lutas femininas, dado que em uma sociedade sexista, machista e classista ser mulher e negra requer ainda mais força para lutar.

As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. (CARNEIRO, 2013, p.1)

O presente trabalho é a apresentação do primeiro capítulo meu trabalho de conclusão de curso intitulado “Negras em movimento: Associação de Mulheres Negras Antonieta de Barros –AMAB (1985 – 2015)” que buscou traçar um histórico da Associação de Mulheres Negras Antonieta de Barros- AMAB, tendo em vista que o grupo passou por diversas mudanças ao longo do tempo, sempre perspectivando a valorização e reconhecimento da história da população negra, sobretudo das mulheres negras do estado de Santa Catarina. Assim, através de alguns documentos cedidos por duas integrantes² da Associação, assim como informações coletadas por meio das entrevistas, buscou-se destacar de que forma o movimento de mulheres negras na cidade de Florianópolis articulou-se e como vem se organizando para lutar por seus direitos, cidadania, educação e melhores condições de vida, bem como a importância da memória da Antonieta de Barros para as integrantes da AMAB.

Vale destacar que, na utilização destas fontes, as tratei como documento-monumento conforme definido por Le Goff (1994 apud ALBERTI, 2005, p.8), ou seja, “longe de ser um resíduo imparcial e objetivo do passado, o documento é carregado de intencionalidade; sua produção e sua preservação resultam das relações de força que existiram e existem nas sociedades que o produziram”. Ademais, na medida em que realizei as análises, a metodologia perpassou por uma pesquisa qualitativa, segundo Godoy (1995),

(...) Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos

² Todos os documentos cedidos estão registrados nas fontes documentais e são retiradas dos acervos pessoais das Professoras Valdeonira dos Anjos e Altair Alves Lucio.

sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (GODOY, 1995, p. 58).

E as revisões bibliográficas partiram dos temas relacionados a movimento de mulheres negras por Sueli Carneiro (2003), memória e história por Le Goff (1990) e representação por Stuart Hall (2003). Portanto, ao utilizarmos fontes escritas e orais afirmamos que estas possibilitaram relatar um pouco sobre um dos principais movimentos de mulheres negras na cidade de Florianópolis.

Por fim, destaco que esta pesquisa é fruto da minha trajetória pessoal e acadêmica, foram quatro anos como bolsista do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros –NEAB/ UDESC e através dele, tive oportunidade de participar da Marcha das Mulheres Negras (2015)³ que intensificou minha aproximação pela história das mulheres negras. Assim, resultando em um estudo sobre o modo como as mulheres, fundadoras da AMAB, construíram epistemologias para a sua vivência e reconhecimento, experiências comunitárias, e o reconhecimento da memória de Antonieta de Barros, num processo de empoderamento.

³ A Marcha das Mulheres Negras 2015 foi um momento em que 50 mil mulheres foram às ruas de Brasília no dia 18 de novembro de 2015 para lutarem contra racismo, violência e pelo bem viver.

DESENVOLVIMENTO

Há registros que marcam o surgimento de organização das mulheres negras em Santa Catarina, que buscam trazer para o debate as especificidades de suas lutas, a partir de formas organizativas mais orgânicas⁴. (LIMA, 2011). O movimento que resultou na Associação de Mulheres Negras Antonieta de Barros –AMAB é um dos exemplos deste surgimento. Esta articulação se dá, principalmente, pelo fato de que o “movimento negro desconsiderava o machismo como peça na engrenagem da dominação capitalista” (SILVA, 2008, p. 166). Neste viés a Professora Neli, uma das fundadoras, ao comentar sobre o surgimento do Grupo afirma que existia “a necessidade das mulheres negras terem um grupo que fosse delas, porque a gente percebia que qualquer lugar que nós íamos nós éramos as únicas” (2016)⁵.

Inicialmente, em 1985, intitulavam-se como *Grupo Mulheres Negras* liderado pela Professora Valdeonira Silva dos Anjos, tinham o intuito de difundir entre elas a necessidade de uma participação mais efetiva no âmbito intelectual, cultural, educacional e político na sociedade catarinense. O grupo se articulava através da realização de reuniões quinzenais com discussões de raça e gênero, buscando refletir sobre os posicionamentos contrários ao racismo e discriminação racial. Portanto pode-se afirmar que,

“O Movimento de Mulheres Negras, ao inscrever-se no espaço público como sujeito coletivo, baliza sua identidade coletiva a partir do modo como racismo e sexismo ordenam a vida social de homens e mulheres, negros e brancos, sugerindo que, para além de práticas e pertencimentos (ser mulher negra), busquem também o reconhecimento da diferença (a especificidade desse pertencimento), articulando em sua construção identitária reivindicações do discurso democrático e de direitos de outros sujeitos sociais oprimidos.” (RODRIGUES; PRADO; 2010, p.453)

Foram muitos encontros e debates que possibilitaram a consolidação do ideal de luta deste grupo. Assim, as mulheres negras começaram a ter uma participação efetiva, desse movimento, para dar continuidade a luta pela alteração do cenário de racismo e discriminação na cidade os encontros passaram a ser recorrentes com Professora Valdeonira e reforçavam a necessidade de fortalecimento do grupo, então ainda na década de 1980, emergiu o grupo intitulado *Mulheres Negras Nós* atuando no ano 1988, no centenário da abolição, tendo como

⁴ São organizações que não possuem uma estrutura institucional, respaldam-se em outros aspectos considerados essenciais ao funcionamento contínuo da organização. SILVA et al. (2007, p. 152)

⁵Entrevista realizada no dia 11 de abril de 2016 por Carol Carvalho.

envolvimento as concepções sobre a condição da mulher negra desde o início da escravidão, bem como as mudanças ocorridas durante o período de pós-abolição. E assim elas também buscavam visibilidade à luta das mulheres negras no estado.

Na década de 1990 o grupo passou a se reconhecer como *Grupo de Mulheres Negras Cor de Nação* que tinha como “consequência problematizar a especificidade da mulher negra, a partir de uma trajetória política em que a ideia de organização se fazia necessária no estado” (LIMA, 2011, p. 220). Neste processo, é viável destacar que o grupo realizava ações que eram em prol da população afro-brasileira em Florianópolis, sobretudo a busca pelos direitos das mulheres negras. Em 199, em outubro, o grupo representado por cinco mulheres, esteve presente no 2º Encontro Nacional de Mulheres Negras na Bahia e da IX Conferência Nacional de Saúde, etapas municipais em Florianópolis na data de 27 de junho de 1992.

O grupo destacou nestes encontros que através de reuniões com objetivos de refletir e discutir sobre a condição do negro, mais especificamente da mulher negra na nossa sociedade, reconhecem a condição de mulheres oprimidas e discriminadas duplamente enquanto mulheres e enquanto mulheres negras, e o processo são de conscientização da condição da mulher negra e de valorização e reconhecimento.

Ao pensarmos na história das mulheres negras e suas particularidades, em meio a todas as questões discutidas pelo grupo *Mulheres Negras Cor de Nação*, a saúde das mulheres negras catarinenses também era foco do debate. Mesmo porque, “até o início da década de 90 o movimento de mulheres negras tinha o direito à saúde como uma de suas prioridades de luta” (LOPES; WERNECK, 2014, p.10).

Esta demanda era necessária, pois o que “impulsiona as discussões sobre o direito à vida, os direitos sexuais e reprodutivos, estão considerando que o racismo e o sexismo imprimem marcas diferenciadas no exercício desses direitos” (LOPES; WERNECK, 2014, p.10). Por este motivo, o grupo relata sobre o fato de mulheres negras serem as que mais morriam no parto por motivos de: mau atendimento, algumas mulheres morriam por negligência médica, pois são casos que podem ser evitados, além das mulheres que sobreviviam, mas ficavam com sequelas gravíssimas.

O grupo destaca no relatório⁶ um debate sobre controle de natalidade ser utilizado para extinguir a população pobre, eram feitos procedimentos que tornavam mulheres estéreis para

⁶ Grupo Mulheres Negras Cor De Nação, Relatório de atividades, Florianópolis, 1991-1992.

que não existissem mais pessoas pobres e negras na população. Assim tirando o direito de maternidade das mulheres pobres e negras. Este contexto perpassou o tempo, conforme os dados do SUS apresentados anteriormente atingem, mas mulheres negras até ainda hoje, para incrementar o debate Alessi (2015)⁷, aponta que 2.875 mulheres negras foram mortas no ano de 2013. E de acordo com o Mapa da Violência 2015 o número de mulheres negras mortas cresceu 54% em 10 anos de 2003 a 2013⁸.

Vale destacar que o relatório foi elaborado pelo grupo após pesquisas e discussões através de debates de mulheres negras, jornais, revistas, tendo a finalidade de combater as concepções sobre o controle de natalidade, bem como as discriminações por raça, sexo e classe social.

E assim dando continuidade a trajetória do grupo, destacamos a fala da Professora Neli, a qual aponta que,

“É do grupo Mulheres Negras Nós e depois ficou Mulheres Negras Cor de Nação, houve um momento em que ele parou, e foi criado um outro grupo, e depois também se dissolveu. E depois quando nós voltamos já era 1995 por ai, nós já adaptamos o grupo de mulheres negras” (2016).

Deste modo, no ano de 1995 o grupo lançou um boletim⁹ intitula do *Mulheres Negras*, este visto para elas como porta voz, pois havia -e ainda há- muito o que dizer e muito o que fazer. Assim, seus relatos são pautados sobre a trajetória e história das mulheres negras em Florianópolis e no Brasil, é importante destacar que as suas concepções estavam em torno do entendimento que a mulher negra precisava estar atuante na construção de uma sociedade justa e igualitária de tal modo que suas vozes sejam ouvidas nas discussões sobre os temas que dizem respeito à sociedade em geral.

Ao longo dos anos, o grupo foi se reconhecendo de diversas maneiras, no ano de 1999, já reconhecidas como *Grupo de Mulheres Negras Antonieta de Barros*, se articulavam também através de reuniões e para registrar os encaminhamentos e principais discussões, utilizavam um caderno de atas¹⁰. O grupo ainda tinha como principal objetivo a valorização e reconhecimento da história da população negra, sobretudo das mulheres negras em Santa

⁷ ALESSI, Gil. Morte de mulheres negras dispara com falta de amparo na periferia. 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/06/politica/1446816654_549295.html>. Acesso em: 9 nov. 2015.

⁸ Paulino de Jesus Francisco Cardoso depoimento à autora, 01 de julho de 2016.

⁹ Grupo Mulheres Negras, Boletim informativo, Florianópolis, 1995.

¹⁰ Grupo Mulheres Negras Antonieta De Barros, Caderno De Atas, Florianópolis, 1999.

Catarina. E neste momento, apropriaram-se da figura de Antonieta de Barros por reconhecimento, sendo uma atitude política, pois para Hall (2003) toda representação é política desse modo, a formação do grupo é em si uma atitude política pelo reconhecimento.

A Professora Altair informa a respeito deste período da seguinte forma “Antonieta de Barros, eu vi que era uma coisa que realmente a gente precisava valorizar uma mulher negra e naquele momento, que trouxeram essa proposta que estávamos discutindo isso, era momento que eu tinha me apropriado de quem era Antonieta” (2016) ¹¹.

Por meio da fonte escrita ¹², a Antonieta de Barros está em destaque, e uma das primeiras ações do grupo para evidenciar a sua memória, foram os preparativos para as atividades alusivas ao seu centenário de aniversário, que seria em julho de 2001- dois anos depois-, este momento foi possível trazer “à tona uma história aparentemente esquecida e abre possibilidades para o debate e histórias que eventualmente podem estar no fundo de uma gaveta, seja de um velho móvel, seja em amadurecidos cérebros” (NUNES, 2001, p. 19).

Após alguns anos serem reconhecidas como *Grupo de Mulheres Negras Antonieta de Barros*, nos anos 2001, as mulheres sentiram a necessidade de adquirirem um caráter jurídico para a entidade. Professora Neli destaca esta passagem,

“Nós já adaptamos o grupo de mulheres negras, nós não tínhamos estatuto, não tínhamos registro nenhum e quando a gente resolveu se registrar como éramos grupo de mulheres negras, e quando nós fomos fazer o estatuto para Associação, em uma reunião a gente resolveu assumir a identidade da Antonieta de Barros e aí ficou Associação de Mulheres Negras Antonieta de Barros, AMAB” (2016).

O documento ¹³ cedido pela Professora Valdeonira, é referente ao dia 8 de março de 2001, trata-se da ata da Assembleia Geral que possibilitou a constituição da *Associação Mulheres Negras Antonieta de Barros- AMAB*. Aprovada a Associação, os pontos principais que são relatados no Estatuto Social ¹⁴, este utilizado como fonte documental neste trabalho, referem-se,

Capítulo 1: artigo 1º - AMAB fundada em 8 de março de 2001 é uma sociedade sem fins lucrativos, com personalidade jurídica própria, com duração por tempo indeterminado e número ilimitado de associados. Artigo 2º AMAB tem como objetivos sociais – organizar e desenvolver ações

¹¹Entrevista realizada no dia 13 de abril de 2016 por Carol Carvalho.

¹² AMAB, Convite para o centenário de Antonieta de Barros, 2001.

¹³ AMAB, Ata da Assembleia Constituinte, Florianópolis, 2001.

¹⁴ AMAB, Estatuto Social, Florianópolis, 2005.



voltadas para combate à discriminação racial e para valorização da mulher e da população negra; desenvolver e apoiar ações (estudos e pesquisas) sobre a situação da mulher e da população negra em Santa Catarina; incentivar e apoiar ações de iniciativa pública e privada que contribuam para desenvolvimento da mulher e da população negra.; estabelecer diálogo permanente com instituições e entidades incluídas as do movimento negro, e do movimento de mulheres nacionais e internacionais, cujos objetivos e as atividades possam trazer contribuição para as questões da população negra e seu desenvolvimento; participar de entidades congêneres em todo território nacional e estrangeiro. Artigo 3º para execução dos seus fins, a associação deverá desenvolver suas atividades de forma construtiva e continua de tal modo a construir um repositório de ensinamentos úteis para seus sócios e sociedade em geral (ESTATUTO, 2016) ¹⁵

A AMAB faz parte do grupo de mulheres que se baseiam em suas antecessoras para que seja possível tecer e representar a história delas, perspectivando que suas vozes ecoem em seus corpos e mentes, na busca de presentificar suas memórias e dar visibilidade às suas Histórias. Entre tantas ações, destaca-se o projeto¹⁶ intitulado *Formando Educadores Negros* e acompanhamento acadêmico aos ingressantes no curso de pedagogia à distância. Este tem grande importância para Associação, Professora Neli aponta que o “trabalho importante para nós, foi com as 40 alunas que foram para educação à distância, fizeram o curso de pedagogia, também foi uma ação importante, de revelo né para a Associação.” (2016).

Outro projeto¹⁷ intitulado *A mulher negra no mergulho de sua história*, este sendo um desdobramento das ações realizadas no *Formando Educadoras Negras*, é um projeto que contou com a realização de relatos de experiências por parte de mulheres negras com atuação na área da educação. O objetivo era incentivar as acadêmicas para a elaboração de uma reflexão sobre sua trajetória de vida até o momento, incluindo seu ingresso no curso de Pedagogia. Para isso, elas deveriam elaborar uma produção textual baseadas num roteiro de escrita. Professora Altair relatou durante a entrevista que este projeto foi muito emocionante, tanto para Professoras, quanto para as estudantes.

E por fim outro exemplo das grandes ações da AMAB é o projeto Afro-Artesãs, que Professora Altair relata “trouxemos outras mulheres e abrimos para questão do artesanato, para o que elas sabiam fazer, elas participaram muito de feiras. Professora Valdeonira conseguiu fazer uma formatura da turma de fuxico com as mulheres” (2016).

¹⁵Citação retirada de uma das fontes documentais. AMAB, Estatuto Social, Florianópolis, 2005.

¹⁶ AMAB, Projeto Formando Educadoras Negras, Florianópolis, 2002.

¹⁷ AMAB Projeto A mulher negra no mergulho de sua história, Florianópolis, 2004.



Este projeto possui informações que buscam sintetizar os objetivos da Associação, estes explicitados acima, e então vale destacar as ações que envolvem a efetivação do projeto Afro-Artesãs, para Professora Valdeonira, uma das conquistas mais importante da AMAB é esta ação, “elas aprenderam tanto fuxico como a amar sua autoestima, sua história, a história do negro, a respeitar o negro, o cabelo. Começamos a fazer as bonecas negras, mostrar que bonecas negras eram bonitas, não tínhamos isso” (2016).

Figura 2-Algumas das alunas da turma de fuxico



Fonte: Acervos pessoais da Professora Valdeonira (2001)

Posto isto, ao tratar das ações da AMAB atualmente, dando destaque a visibilidade a História de Antonieta, podemos afirmar que ao longo dos anos, o grupo se configurou e intitulou em diversas formas, porém sempre com em busca de um mesmo objetivo, ou seja, a valorização da população negra e a reivindicação por mais espaços para as discussões sobre as mulheres negras. Atualmente a Associação de Mulheres Negras Antonieta de Barros (AMAB) se reconhece como uma entidade da sociedade civil sem fins lucrativos, cuja finalidade é organizar e realizar ações voltadas para a promoção da igualdade e, a valorização da população negra. Além disso, manter a memória e História da Professora, Deputada e Jornalista Antonieta de Barros. Vale destacar que as reflexões que compõem este artigo são retiradas do trabalho de conclusão de curso defendido no ano de 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Deixou para nós esse grande legado, da fé, da coragem, da persistência, e até mesmo sendo discriminada, mas era uma mulher de muita fé” (ANJOS, 2016).

Ao revisitar as impressões do meu trabalho de conclusão de curso, destaco que muitas concepções acerca da Antonieta de Barros e da Associação de Mulheres Negras Antonieta de Barros – AMAB estão se reconfigurando a todo momento. Ao ingressar no Programa de Estudos Pós Graduated em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo tive a oportunidade de repensar a memória construída em torno de Antonieta de Barros.

Na medida em que esta mulher negra é exemplo de luta e resistência para suas sucessoras, desperta-se o interesse pela sua vida, sobretudo as pautas coladas enquanto Deputada e Professora, assim, esta pesquisa serviu de indicativo para pensar a importância dela na cidade e no Brasil através de seus próprios destaques. Sendo uma evidência de uma política negra.

Traçando a trajetória da Associação possibilitou a articulação entre feminismos e a atuação da AMAB, pois, ao ponto que elas enfatizam a luta pelos direitos das mulheres negras, sobretudo o destaque para história e memória de Antonieta de Barros, destacam a presença do feminismo, mas sem necessariamente se identificaram como tal. Desse modo, o resultado desta inquietação é buscar compreender as suas concepções sobre os feminismos dentro de suas lutas antirracistas e seus universos culturais negros na cidade de Florianópolis.

Ademais os feminismos, as fundadoras da AMAB, com suas ações, possibilitaram ressignificações nos espaços públicos e também privados da cidade, tais ações perpassam o tempo e através delas a Antonieta de Barros está ganhando ainda mais visibilidade. A ação destacada nestas considerações é o projeto das 40 mulheres negras, chamadas atualmente de ‘Antonietas’, considerando ser o início de sistema de Ações Afirmativas na Universidade do Estado de Santa Catarina.

Além disso, sua trajetória nos possibilita afirmar que a Antonieta de Barros é vista como um legado de força, fé, coragem e persistência, e me faz perceber o quanto as mulheres negras se inspiram e se fortalecem naquelas que por esta luta passaram, e ainda passam. É uma rede de empoderamento, capaz de inspirar a resistir sempre, e lutar pelo direito do bem

viver. É importante destacar também que esta pesquisa indica a necessidade de buscar compreender os motivos das mudanças de articulações e o momento em que se incorpora a figura de Antonieta de Barros.

As considerações finais deste trabalho encerram com agradecimento ao apoio da Associação de Mulheres Negras Antonieta de Barros – AMAB, pelo acolhimento e confiança depositada a mim, para contribuir para historiografia catarinense a respeito das mulheres negras da cidade de Florianópolis. E assim, eis o convite para mais reflexões e contribuições para esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. “Mulheres em movimento”. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, 2003.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer O Feminismo: A Situação Da Mulher Negra Na América Latina A Partir De Uma Perspectiva De Gênero. **Rizoma Miharal**. Rio de Janeiro, v. 05, p.1-7, 2013.

CARVALHO, Carol Lima de. Florianópolis, 2016. **Negras em movimento: Associação de Mulheres Negras Antonieta de Barros Santa Catarina- AMAB (1985-2015)** p. 70. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

GODOY, Arilda Schmidt. Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, Mar./Abr. 1995.

GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas, SP: Unicamp, 1990.

HALL, Stuart. **Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LIMA, Ivan Costa. Identidades negras em terras catarinas: mulheres negras, organização social e educação. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 35, p.213-234, 2011.

LOPES, Fernanda; WERNECK, Jurema. Saúde da População Negra: Da conceituação às políticas públicas de direito. In: WERNECK, Jurema; XAVIER, Lúcia. **Mulheres Negras: um Olhar sobre as Lutas Sociais e as Políticas Públicas no Brasil**. Rio de Janeiro: Crioula, Cap. 1. p. 5-22, 2014.



NUNES, Karla Leonora Dahse. Florianópolis, 2001. **Antonieta de Barros: uma história.** 159 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, História, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

RODRIGUES, Cristiano Santos; PRADO, Marco Aurélio Maximo. Movimento De Mulheres Negras: Trajetória Política, Práticas Mobilizatórias E Articulações Com O Estado Brasileiro. **Psicologia & Sociedade**, Rio Grande do Sul, v. 22, p.445-456, 2010.

SILVA, Michele Lopes da. Mulheres negras em movimento fazendo a diferença entre diferentes. In: VI Congresso Português de Sociologia - Mundos Sociais: Saberes e Práticas, 2008, Lisboa - Portugal. **Mundos sociais: Saberes e Práticas.** Lisboa - Portugal, v. 01. p. 160-183, 2008.